

Politica de Habitação Rural

AUGUSTO LUIZ DUPRAT

(eng.º civil)

(Continuação)

II PARTE

TENDO examinado nos capítulos precedentes a situação em que vive o brasileiro e a sua produtividade agrícola, estamos em condições de avaliar a natureza da obra a realizar.

Do que nos foi dado observar, colhendo e analisando dados desde o Pará até o Rio Grande do Sul, vimos confirmado que, mais do que meios materiais, nos falta a educação, que é a causa do baixo nível social, cultural e econômico do nosso rurícola e o que dá motivo a migração para as cidades ou zonas de melhor economia.

Em se tratando primordialmente de um problema de educação, não podemos pensar em resolvê-lo numa geração, é obra a ser feita no tempo. No entanto, devemos continuar a semear, ainda mesmo com a certeza de que os frutos só serão colhidos pelas gerações vindouras.

Antes da carta do ABC temos que ensinar o nosso rurícola a viver, isto é, a utilizar os meios materiais de que dispõe para melhorar suas condições de vida. Habitado há centenas de anos a viver na miséria não tem o nosso rurícola necessidades e pouco se esforça de vez que, pela sua falta de preparo para a vida, são sempre malogrados seus esforços.

No entanto, este homem tão ridicularizado, tão injustiçado é quem trabalha para alimentar o Brasil e já é tempo de que se lhe preste alguma atenção.

Como bem disse CASTRO BARRETO — Estudos Brasileiros da População:

“Em primeiro lugar veio a própria evolução do Brasil, com a aparição de figuras extraordinárias, forrada de conhecimentos científicos, capitaneada pelos Mauá, pelos Tavares Bastos, pelos Osvaldo Cruz, pelos Euclides da Cunha, pelos Alberto Torres, pelos Moritz e por seus discípulos, para demonstrar que construímos durante um certo espaço de nossa existência, uma nacionalidade e uma civilização; que possuímos uma alta capacidade de trabalho, que mesmo mal organizado, avulta dentro da América; que pacíficos e tenazes, somos capazes de todos os sacrifícios; que o homem quando improdutivo, é o homem ineducado e doente; que possuímos os melhores climas, dentro dos quais começa a florescer a maior civilização do mundo.

Só assoalha que o brasileiro é preguiçoso quem nunca o viu trabalhar; quem é tão ignorante que, tendo sob os seus olhos um desgraçado compatriota, analfabeto, verminado, subalimentado, abandonado dentro de uma miserável palhoça sobre a terra encharcada, confunde essa miséria, e esse abandono com a preguiça!

Nenhum ser humano seria capaz de fazer mais do que ele faz, ainda assim. É prodigiosa, apesar de tudo, a capacidade do nosso trabalhador, só comparável ao seu espírito de sacrifício, mourejando subalimentado, sob os terços, parasitado pelo necator, hipoêmico, ulcerado, no mais absoluto desconforto.”

Para melhorar esta situação não basta que se processe uma reforma agrária, que se legisle, que se dividam as terras etc., é necessário, antes de mais nada que se recupere o homem.

“A recuperação do equilíbrio deverá ser tentada mediante os processos morais de revalorização da pessoa humana, que cumpre seja considerada como o princípio e o fim de todas as realizações do progresso. (SAINT-PASTOUS — *O Homem e a Terra*).”

Num país onde a densidade geográfica é insignificante, não devemos falar em latifúndios geográficos, a subdivisão das terras, nas atuais condições culturais da nossa gente, como bem acentuou CASTRO BARRETO, seria ineficiente:

“A simples distribuição das terras, dará lugar a formação de novos pequenos proprietários ignorantes e desarmados técnica e socialmente.”

O que cumpre fazer é educar; não dando ao rurícola uma educação urbana, mas sim uma educação de acordo com as condições ecológicas de cada região.

Neste sentido já os Ministérios da Agricultura e sobretudo o da Educação e Cultura, organizaram suas missões de educação-rural, com a finalidade de darem ao rurícola e sua família, a Educação de base ou educação fundamental que consiste num “mínimo de educação geral necessária a ajudar as crianças, os adolescentes e os adultos a compreenderem os problemas peculiares ao meio em que vivem, a formarem uma idéia exata dos seus deveres e direitos individuais e cívicos, e a participarem eficazmente do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem”. (Prof. OSCAR MACHADO — *Coordenador da Campanha Nacional de Educação Rural*.)

É necessário estabelecer o equilíbrio natural entre as regiões rurais e urbanas; para o que devemos “dar vida ao meio rural, estabilizar a mão-de-obra, criando-lhe condições de vida que lhe facultem um desenvolvimento familiar e social harmônico; fazer todo o possível para manter nos meios rurais as concepções demográficas que assegurem a sobrevivência e a progressão.”

Do ponto de vista econômico e social, a prosperidade da nação está ligada incontestavelmente, à prosperidade das regiões rurais.

De fato, sendo a maioria da população brasileira constituída de rurícolas, são eles os maiores consumidores da nossa indústria.

"Com cerca de 33% da população brasileira, ou perto de 18 milhões localizados do Piauí a Bahia, em condições de subdesenvolvimento econômico, no conceito brasileiro, e por isso mesmo de maior precariedade, a região nordestina proporciona a economia de São Paulo quase dois milhões de cruzeiros de saldo anual no intercâmbio por cabotagem e vias internas. Somente Pernambuco, no último ano, proporcionou um saldo favorável a São Paulo, de 800 milhões de cruzeiros entre o que importou e as exportações que conseguiu realizar (*Desequilíbrio entre as regiões brasileiras* — JOÃO CLEOFAS — "Revista Brasileira dos Municípios", n.º 21-1953).

Do ponto de vista social é nas regiões rurais que vamos buscar as nossas energias sociais e onde encontramos os maiores coeficientes de natalidade; é onde ainda se conservam as nossas velhas tradições de honestidade, de lealdade, de trabalho; é onde a família ainda é uma instituição básica da sociedade.

PIO XI, em carta dirigida a população da República Oriental do Uruguai, por ocasião do centenário de sua independência escreveu:

"A família por ser a fonte de que brota a existência humana, é o vínculo fundamental mediante o qual os indivíduos estão unidos uns aos outros com ânimo inquebrantável, constitui a unidade básica da sociedade. Do bem-estar material, e da pureza moral da família, dependem o bem-estar e a moralidade da comunidade. Consequentemente, as medidas tomadas para melhorar física ou tecnicamente a vida doméstica, ou para garantir segurança econômica ao lar, são medidas que, conduzem ao bem-estar da comunidade; e o menosprezo à dignidade, à santidade ou a inviolável unidade do lar, conduz diretamente a uma decadência que põe em perigo a própria vida da sociedade organizada."

A família, como instituição social, é muito mais sólida nas zonas rurais do que nas urbanas; no campo a unidade econômica é a família, na cidade é o indivíduo.

Segundo o Dr. BAKER, citado em *La Cristianización de La Vida Rural*:

"Para que uma civilização seja permanente, tem que fundamentar-se principalmente na agricultura ou em outra cultura onde a unidade econômica seja a família. Na família rural, a juventude tem um papel a desempenhar, e o trabalho que realiza tende a fortalecer-lhe o caráter.

Também há na família rural um lugar para os velhos, um lugar que é respeitado e útil por sua vez."

Observou-se, nos Estados Unidos, por ocasião da crise de 1930 que nas zonas metropolitanas importantes, desmoranaram 19% dos lares; nos povoados, esta proporção foi de 14.7% enquanto que, nas zonas rurais foi de apenas 8.1%.

Esta pequena estatística nos mostra a importância a ser dada a família rural, cujo principal elemento é a mulher, em torno da qual gira toda a organização familiar. E' sobretudo a mulher, futura mãe de família, que deve ser educada, e, por meio dela serão educados os homens e juntos educarão os filhos.

Em consequência das péssimas condições de vida no campo emigram sobretudo as mulheres. Esta condição não nos é peculiar.

Escrevendo sobre a mulher no campo, assim se expressa a Sra. de KERANFLECH — *Kernezne La femme à la campagne* — citado pelo padre ELIE GAUTIER — *La dure existence des paysans et des paysannes*:

"A mulher desejaria mais atenções. Desejaria um pouco de reconhecimento. O homem, satisfeitos os seus instintos, se mostra duro, exigente, às vezes brutal. No fundo de algumas regiões ainda se conserva a concepção romana, do casamento. A autoridade do chefe, enfraquecida em se tratando das crianças, recai pesadamente sobre a mulher. Sabemos que em algumas regiões a dona da casa não come na mesa com seu marido e seus hospedes; ela os serve e somente senta-se a mesa no fim do jantar, para tomar o café. E' sem dúvida, uma comodidade para o serviço, mas é também, de certo modo, o símbolo de uma inferioridade da qual o camponês, desdenhoso de toda fraqueza física, se persuade. Coisa curiosa, este fato não prejudica a influência feminina, que conquanto discreta não deixa de ser real, em França, pelo menos — mas, em público, o homem não gosta de dá-la a perceber, e, com gesto rude mandará a dona da casa tomar conta de suas panelas ou lavados. As mulheres de outrora aceitavam a situação, as de hoje, se queixam.

"São muito duros para conosco", dizem elas.

O que acima ficou transcrito é exatamente o que se passa no nosso interior, e só por meio da educação é que se poderá mudar a mentalidade existente e repor a mulher na sua verdadeira posição do lar.

Outro aspecto da questão que muito tem dificultado a execução de programas nacionais é que se quer sempre uniformizar as soluções. Ora, nós não constituímos uma unidade étnica.

Como resultado das diversas condições geográficas, de clima, e de colonização, formaram-se no Brasil três tipos diferentes: o sertanejo, o matuto e o gaúcho. Os três são bem diferentes, mas devem ser tratados de modo diverso.

A propósito disse OLIVEIRA VIANA — *Populações Meridionais do Brasil*:

"Mesmo que fossem homogêneos os *habitats* e idênticos por todo o país a composição étnica do povo, ainda assim a diferenciação era inevitável; porque levando somente em conta os fatores sociais e históricos, é já possível distinguir, da maneira mais nítida, pelo menos três histórias diferentes: a do Norte, a do Centro-Sul, a do extremo Sul, que geram por seu turno, três sociedades diferentes: a dos Sertões, a das matas, a dos pampas, com os seus três tipos específicos; o sertanejo, o matuto, o gaúcho. E' impossível confundir esses três tipos, como é impossível confundir essas três histórias, como é impossível confundir esses três *habitats*. Os três grupos regionais não se distinguem, aliás, apenas em extensão; se fosse possível sujeitá-los a um corte vertical, mostrariam igualmente diversidades na sua estrutura interna."

Assim sendo é necessário, que se processe a educação de acordo com cada região, ou melhor de acordo com as condições de cada município, sem o que se produzem choques, às vezes de consequências imprevisíveis, porque sob o "social" há o "humano", isto é, o "que diz respeito à vida dos seres, aos seus pensamentos, seus sentimentos, suas decepções, suas misérias e seus trabalhos, o

que é sagrado e com o que não temos o direito de brincar nem de nos enganarmos, sob pena de graves conseqüências" (GUERRIN — *Desjardins* — *Las rapports humains dans l'Enterprise*).

Num país pobre como o nosso, não podemos pensar em grandes organizações, em grandes escolas em cada município deve-se é aumentar o número de missões de educação rural, uma em cada município para que possamos colher melhores resultados e sobretudo não produzirmos desequilíbrio entre os municípios.

Os resultados já obtidos através das missões rurais nos autorizam a esperar uma grande melhoria das condições de vida do rurícola nos próximos anos.

Para que se complemente a ação das missões rurais há necessidade de que se construam casas higiênicas, onde se possa desenvolver a família.

Se considerarmos como boas as casas existentes no meio rural, a nossa carência anda por volta de 3 milhões de casas; ora, num país pobre como o nosso, não podemos pensar em nos valermos do governo para atender a esta necessidade. Aliás, por mais rico que fosse o país, não há governo que possa arcar com o ônus de tal empreendimento. É necessário que toda a nação contribua com seu esforço.

Estabelecida, assim, a necessidade da Educação como meio de melhorar as condições de vida do rurícola e a necessidade da casa como seu complemento, vejamos agora qual a sua função e como poderemos resolver o problema da sua construção.

III PARTE

FUNÇÃO SOCIAL DA CASA RURAL

Ao se procurar estabelecer uma Política de Habitação, quer seja ela rural, quer seja urbana, deve-se sempre procurar obter da casa um rendimento humano, financeiro e social.

"A casa rural tem uma dupla finalidade: proteger a família rurícola, seus animais e suas colheitas contra as intempéries, permitir a exploração das terras, servindo de depósito para seus produtos e para as ferramentas.

Em conseqüência, ela se adapta ao mesmo tempo ao meio físico; clima (luta contra as intempéries) e natureza do solo (utilização para esta luta, de recursos locais em pedra, argila, madeira etc.) e ao meio econômico e humano rural (centro de exploração rural, sua importância varia com esta e com as culturas feitas, com o estado de espírito do rurícola etc.) Também por sua própria adaptação, a casa rural nos permite penetrar, íntima e seguramente no próprio meio rural da qual ela é, de certo modo, a emanção: é "uma ferramenta adaptada ao trabalho agrícola, concebido e armado pela experiência das gerações rurícolas."

A casa no campo e a casa na cidade tem funções diferentes. Um homem abrigado sob um ponto, pode trabalhar na indústria, enquanto que no campo a casa é um elemento de trabalho necessário a fixação do homem a terra, bem como um complemento da educação.

A melhoria da habitação rural representa uma das principais condições para proporcionar uma boa distribuição da população.

A solução não está em construir-se em larga escala, fazendo-se casas *standartizadas*, como se tem pensado. Dadas as nossas diversas condições ecológicas e a finalidade a ser atingida, a casa de campo deve ser bem estudada e de acordo com as condições locais. O problema da habitação no campo, é bem diverso do da cidade, tanto sob o ponto de vista da função desempenhada pela casa, como da sua utilização e construção.

A casa no campo é um elemento de trabalho, ela está intimamente ligada ao trabalho da terra e é nela que se desenvolve e afirma a família que, para o rurícola é também um elemento de trabalho. A casa, no campo, não pode, como na cidade, ser considerada isoladamente, temos que considerar também as dependências necessárias a consecução do trabalho, tais como o paiol, o galpão, o estábulo etc.

A habitação é um fator econômico de estabilidade da família.

"A sua morada (do campônio) é o símbolo da estabilidade, porque ele a considera também como planta, porque, em verdade, ela tem suas raízes na sua terra. E a propriedade no mais sagrado sentido da palavra." (CASTRO BARRETO — *op. cit.*)

A casa é um elemento de fixação do homem a terra, sobretudo quando ele contribuiu com seu próprio esforço para a sua construção. Para que se julgue da influência da casa na fixação do homem a terra, vem de molde citar o que se passa no Uruguai, onde a percentagem dos filhos ilegítimos é de 30% em todo o país, e de 60% nas províncias do norte, onde o homem que se dedica a pecuária, não se fixa, é por assim dizer nômade.

Como complemento da educação e elemento de fixação do homem no campo, apontamos a "casa", não apenas a casa "abrigo", mas a casa "lar".

"A casa não corresponde apenas a uma necessidade física, não tem por única finalidade proteger o corpo contra o resfriamento; servindo de envelope, a família torna-se um dos elementos essenciais da vida em sociedade. De outro lado, a família não é uma entidade que tenha nascido no cérebro dos pensadores, é uma realidade viva que não pode ficar no ar, precisa de uma base sólida. Para o pai, a mãe e os filhos, a casa cria, por assim dizer, um centro onde as tradições são conservadas como num relicário, onde os membros se encontram cada dia, como um ponto de reunião. É aí que se conserva a lembrança das alegrias e das dores, que se forma o laço permanente que liga as gerações. Pode-se dizer, sem receio de exagerar, que a questão da habitação é a primeira das questões sociais, e que se ela não for resolvida, todos os esforços tentados para melhorar a sorte dos operários, por mais enérgicos que sejam ficarão impotentes, sem a vida de família que só é possível pela posse de um lar decente, não pode haver nem economia, nem previdência, e conseqüentemente nenhum progresso duradouro, nenhuma melhoria séria (SIEGFRIED).

A casa deve ser feita de tal modo que propicie aos seus moradores a saúde no seu amplo sentido, isto é:

"... um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade."

Infelizmente, as nossas casas rurais, apesar de representarem a maioria das casas brasileiras, apresentam as piores condições de habitabilidade como já vimos.

Confirmando estas condições, assim, se expressa o Prof. OSCAR MACHADO, em relatório apresentado à Fundação da Casa Popular:

"Em todos os relatórios do levantamento do meio, seja qual for a zona em que esteja atuando uma equipe técnica da Campanha Nacional de Educação Rural — O problema que surge a primeira vista, angustiante e eloquente, sobre as condições infra-humanas em que vive a maior percentagem da população rural é o da habitação. Precariedade de material próprio, mesmo de teor modesto, quando não inadequação completa desse material denunciando a presença de um evidente fator de transitoriedade de seus habitantes, falta de hábitos higiênicos ou ainda, deplorável comodismo ou "conformismo" ante uma situação de carência em função do indivíduo e da comunidade."

O problema não nos é peculiar. Referindo-se às "Condições de emprêgo dos trabalhadores agrícolas" assim se expressa a repartição Internacional do Trabalho:

"As condições, porém, de habitação, inclusive para os trabalhadores com domicílio permanente, deixam muito a desejar no que se refere às crianças nos Estados Unidos. O excesso de população, a necessidade de consertarem-se e modernizarem-se as casas, a falta de água corrente e demais comodidades freqüentes na zona rural, não é de natureza a favorecer a saúde e o bem-estar geral da família, nem das crianças que sofrem particularmente dessas lacunas."

Dadas estas condições de habitabilidade, e outras causas que dificultam a vida, não é de estranhar que o rurícola migre para as cidades, movido por duas forças: uma, a da atração das cidades e a outra, a de repulsão do campo: a força de atração das cidades existirá sempre; cumpre-nos anular a força de repulsão do campo. O que se conseguirá, educando o nosso rurícola, isto é, fazendo com que ele seja útil à sociedade, levantando os seus níveis social, cultural e econômico, proporcionando-lhe uma casa, dando energia a este homem, de quem depende o nosso sustento e condições de vida a que ele tem direito, não se esquecendo que:

"A miséria, mais nociva à mente do que ao corpo, dissolve nos homens os sentimentos sociais e afrouxa os vínculos da solidariedade" (INGENIEROS — As forças morais).

Inquéritos realizados pelas Associações Francesas para a salvaguarda da Infância e da Adolescência, concluíram que 75 a 80% das crianças inadaptadas provinham de habitações malsãs. A proporção de inadaptados é quatorze vezes maior nas habitações superlotadas do que em outras, em condições normais.

C. Mota Filho, citado por CASTRO BARRETO, "Estudos Brasileiros de População", verificou que

66% dos criminosos condenados cumprindo penas na Penitenciária de São Paulo, foram menores abandonados, que tiveram que prover a existência muito cedo, ingressando precocemente no trabalho. E' o que nos trazem todos os dias os "Paus de Araras."

Verificamos que, nas nossas habitações rurais, a média de ocupação dormitória é de 2.74 pessoas por dormitório, ora, está hoje constatado que a "mortalidade infantil é duas vezes e meia maior quando há mais de duas pessoas por quarto."

Segundo um inquérito realizado em Munich, se a mortalidade infantil é de 3% nas habitações higiênicas, pode-se afirmar que ela atinge 81% quando a família ocupa uma única peça.

Estudando a mortalidade por tuberculose no Distrito Federal, a Conjuntura Econômica de outubro de 1952, mostra que "encontramos o trágico coeficiente de 409 por 100.000 habitantes, nas circunscrições de Gamboa e Santana, zonas pobres, cuja população apresenta elevada percentagem de operários de baixíssimo nível econômico". E' justamente nestas duas circunscrições onde encontramos o maior número de casas de comodas onde as condições de habitabilidade são as piores possíveis. Nestas duas circunscrições a mortalidade geral é de 19 por mil.

PLÁCIDO BARBOSA escreveu:

"... a habitação acumula, conserva e facilita o contágio tuberculoso e, quando insalubre, favorece os efeitos do contágio pela sua ação deprimente da saúde e das forças defensivas do organismo contra a infecção; por isso é que desde Koch, a tuberculose tem sido chamada uma doença da habitação."

"A casa, choça, ou a habitação coletiva, anti-higiênica contra as quais clamam Bunge e Palácios e outros, é o fator de importância na letalidade infantil, contra o aproveitamento da fertilidade "diz-nos Martinho da Rocha, influenciando nela a densidade da população." (CASTRO BARRETO, op. cit.)

E' muito comum, no interior, verificar-se que apenas 50% dos filhos são criados. Relata Castro Barreto que, no município de Breves, no Pará, numa lavagem de borracha, a pequena vila não apresentava nenhuma criança em 1944, porque todos os que ali nascem, logo morrem. Inqueridos os habitantes pelo nutriólogo Pedro Borges, porque morriam assim tôdas as crianças, responderam as mulheres:

"Aqui há uma cisma, criança não se cria."

Infelizmente, não temos dados precisos, sobre a mortalidade infantil no interior, entretanto, podemos afirmar que onde mais pobre é a população e piores são as condições de habitação, maiores são os coeficientes. (CASTRO BARRETO — Estudos Brasileiros de População), nos informa:

"A capital da República perde entre 125 a 150 por mil dos seus nascidos vivos e não se sente o declínio dessa desoladora situação, visto como de 1902 a 1941, as oscilações foram ao redor dos números citados. Convém dizer que, para encontrar essas taxas de natalidade infantil entre as nações civilizadas, é preciso recuar sempre mais de meio século."

Os números referentes à cidade de Natal expressam a situação de quase todas as nossas capitais de Estado e cidades menores pelo interior, com oscilações que variam, é claro, com a emergência de fatores positivos ou negativos influentes no problema. Aqui está o impressionante estudo publicado por N. Vilaça, de Natal, à base aeronaval, o aeroporto de maior importância para a defesa do país, sobre os anos de 1938 a 1940 a natalidade infantil foi de 3.018, 377,90 e 353,3 por mil. A média de natalidade por família — foi de 4.4 — evidentemente muito boa como índice de fertilidade; mas em 2624 gestações os natimortos foram 374 por mil, os abortamentos montaram a 82.7. Enfim “das 2.624 gestações apenas se aproveitam 1.445 produtos conceptuais, o que dá uma média de 2.3 por família, ou quase 50% sobre as gestações, que como frismos, aliás, dão 1.4 por unidade. Esses números são os da população em geral. Nas classes muito pobres a mortalidade de 0 a 1 ano foi de 516.7 por mil e as fichas, acompanhadas até os 12 anos, revelaram que o total de perdas, foi de 622 por mil gerações, ou sejam 1.6 por família, quando o número de prenhezês dá 4.6 por unidade ou apenas 343 por mil das gestações aproveitadas!”

Quando da minha última viagem a Natal, em junho de 1952, tive oportunidade de verificar, em visita feita ao dispensário infantil a natureza do material humano existente.

Desde que melhorem as condições sócio-econômicas diminui a mortalidade infantil. Na Alemanha, segundo Alfred Palácios, “La defensa del Valor Humano” antes da guerra, nas famílias nobres, a mortalidade das crianças menores de cinco anos era de 5.7%, enquanto que entre os pobres de Berlim era de 34.5%.

A melhoria das condições de habitação proporcionará uma melhoria na saúde do nosso rurícola e também muito contribuirá para que as crianças se criem melhor.

A renda do brasileiro sendo em média em 1952, de Cr\$ 445,90, é por demais pequena para pensarmos em poder dar a cada brasileiro sua casa. Temos que aproveitar os materiais locais e a própria mão-de-obra do rurícola, a fim de satisfazermos suas necessidades.

As nossas casas rurais, em geral, “carecem de solidez estrutural e condições de higiene, estão superlotadas, são insuficientemente ventiladas e em geral são inadequadas sob o ponto de vista das condições físicas e sociais indispensáveis ao alojamento.”

Segundo Castro Faria — Origens Culturais da Habitação Popular no Brasil, “dois termos definem todos os nossos tipos de habitação popular — Variedade ecológica e contingência econômica — Outra conclusão que se impõe é a de que o tipo de casa popular do Brasil representa mais uma condição que um estilo.”

Prevalece sempre o fator cultural e o fator econômico com os mesmos materiais com que são feitas as nossas casas rurais, podemos construir casas higiênicas; é apenas uma questão de racional aproveitamento destes materiais.

Mais de 2/3 da humanidade constrói suas próprias casas, valendo-se dos materiais locais, e de acordo com as condições ecológicas da Região, não há, pois, razão para que não façamos o mesmo, porém, dentro da técnica.

Estudando o problema da habitação rural nas zonas tropicais assim se expressa o Departamento de Assuntos Sociais das Nações Unidas.

“Realmente, o tipo de casa adotado pelas populações indígenas é, quase sempre, bem adequado as condições de clima e ao modo de viver na região. Apenas com a introdução de algumas melhorias no projeto da casa e nos métodos de construção, pode-se obter uma casa bem adequada ao modo de viver local, além de observar os princípios sanitários e condições de habitabilidade.”

Com pequena despesa, valendo-nos apenas do fator educação, poderemos melhorar as condições de habitabilidade do nosso rurícola. “Por muito importante que sejam as consequências sociais indiretas das condições de habitação, é bem mais acentuada a necessidade de melhorar as condições sociais destas regiões.”

PROJETO E CONSTRUÇÃO DA HABITAÇÃO RURAL

Feitas as considerações acima, que nos mostram a função social da casa, vejamos agora como devemos projetá-la, como devemos construí-la e como devemos usá-la tendo sempre em vista, que uma construção não custará mais caro pelo fato de ser projetada racionalmente, e, ainda mesmo que isto representasse uma despesa inicial maior, seria ela largamente compensada pela duração da casa e pelos benefícios que proporcionará.

Ao projetar uma habitação, devemos ter em vista a sua função no meio rural, além de que, deve facilitar vida em família e ser projetada de tal modo que reduza ao mínimo o trabalho da mãe de família, que é a pessoa em torno da qual deve girar toda a vida familiar.

Infelizmente, não é esta a concepção atual, a mãe de família é, em geral, a criada da casa e eventualmente objeto de prazer.

No entretanto, o trabalho material da mãe de família classificado na escala do trabalho humano, segundo o seu metabolismo, cu a quantidade de calorías que lhe são necessárias, deveria ser classificado entre os que se convencionou chamar de trabalho pesado; não esquecendo sua função sagrada da maternidade e o “nobre trabalho de mãe que sugere ideais a seus filhos; dentro do lar, mantendo permanentemente o fogo sagrado deste santuário, realizando assim uma atividade socialmente útil.”

“A habitação não é mais hoje e nem pode mais ser o que ela foi há um século — não é mais somente um teto e paredes, é um conjunto que deve permitir a família de se expandir e de cumprir esta função social eminente que é a educação das crianças, tornar mais leves os trabalhos da mãe também, permitir o descanso do pai.” (M. A. SAYOUR)

E’ dentro deste espírito que se deve pensar na casa. Antes de se pensar em construir uma nova casa se deve estudar a possibilidade de reparação ou ampliação das casas existentes, que possibilitem uma vida melhor. Devemos nos lembrar da tarefa a executar e da falta de numerário. E’ preferível que tenhamos 1.000 casas reparadas ou ampliadas do que 10 novas em folha.

"De qualquer modo, a melhoria da habitação oferece as pessoas de boa vontade um vasto campo de ação social e familiar, mais humilde sem dúvida que o de construtores de cidades novas, mas com a mesma finalidade que é a de criar lares mais sãos e mais felizes."

Muitas vezes as más condições de habitabilidade de uma casa, podem ser devidas, não ao seu mau estado mas a superlotação. Quando a transformação ou aumento é possível, os trabalhos a encetar devem ter prioridade.

O esforço coletivo deve ser dividido entre a construção nova e a melhoria do *habitat* existente, conquanto esta última tenha um aspecto mesmo espetacular, nem por isso deixa de oferecer um bom rendimento.

Ao ser projetada uma casa no campo, juntamente com suas dependências, deverão ser obedecidos certos princípios, indispensáveis às boas condições de salubridade.

Ao ser escolhido o local para a construção da casa, deve-se escolher um terreno alto, seco, conquanto permeável, próximo de bosques e cursos d'água, bem ventilados sem ser batido pelos ventos. De preferência o projeto deve ser feito em linhas simples, que permitam sua execução pelo próprio rurícola, com materiais locais, e obedecendo as condições locais, de tradição, de clima, de hábitos e costumes. Devemos ter em vista que não se podem mudar, da noite para o dia, hábitos seculares e tradicionais.

Quando for locada a casa se deverá ter em vista sua orientação, de modo que a insolação seja a máxima, sem prejudicar o conforto térmico, a ventilação não deve ser excessiva, e a casa deve ser locada de tal modo que do seu interior se possa ter visão do terreno até a estrada de acesso.

A casa deve ser construída num nível mais alto que o terreno circundante, para evitar a humidade, que é a nocividade número 1 da habitação. As aberturas devem ter dimensões tais, que, permitam a renovação do ar e a entrada do sol. O velho conceito do ar confinado já foi superado, e hoje o que se procura ter é o ar em movimento para facilitar a evaporação pela pele e evitar a formação das "antropotoxinas" que se exalam do organismo humano e que dão aos locais um cheiro característico, imperceptível aos que ali estão, mas percebidos pelos que chegam. A renovação do ar tem mais importância do que a cubagem das peças.

O projeto, além dos seus aspectos sociais e econômicos, deve, no campo, respeitar a tradição. A distribuição deve ser simples, garantindo a independência das peças e sobretudo as ampliações que forem necessárias.

Em toda a casa rural deve haver uma varanda, não só pela própria natureza da vida no campo, onde se vive muito ao ar livre, como também para proteção das peças internas.

Como dito acima a casa deve ser projetada de tal modo que poupe a mãe de família todo trabalho supérfluo e, ao mesmo tempo lhe permita

tomar parte em todos os atos da família. Dentre estes, o principal, é o das refeições. Via de regra, no nosso interior, a mãe de família é quem cozinha, assim há necessidade de se projetar uma peça de dimensões bastante amplas, para permitir que nela se instale a cozinha e a sala de refeições.

A parte da cozinha deve ser projetada de tal modo que a mãe de família possa trabalhar sentada, posição esta que exige apenas mais 4% de esforço do que a posição deitada, que é o repouso perfeito. A posição de pé exige 12% e a posição debruçada 55% a mais de esforço.

"No campo, o lar da família laboriosa, está na realidade, onde arde o fogo que cozinha os alimentos."

Os quartos devem ter dimensões tais que permitam a colocação das casas e demais móveis, e serem em número suficiente para que não haja mais de duas pessoas por quarto. Quando possível, as casas devem sempre serem forradas, para diminuir a sensação das mudanças bruscas de temperatura. O banheiro e latrina devem ser colocados de tal modo, que permitam seu acesso do exterior, para que quando o rurícola volte de seu trabalho possa antes passar por ele e lavar-se.

Segundo o Arquiteto EZEQUIEL GUSTAVINO "Arquitetura-rural".

"Ao projetar-se racionalmente uma habitação rural deve-se juntamente com os fatores econômicos e sociais, observar o fator tradição, o que sem aumentar as despesas, tragam ao rurícola benefícios reais que lhe permitam usar os costumes e hábitos muito arraigados por velhos atavismos talvez universais.

Satisfaz a um destes hábitos a orientação para Este, Norte ou Nordeste da varanda principal, para que dela possa o rurícola gozar de um dos maiores encantos que lhe é dado contemplar no ambiente rural: o nascer do sol. A observação deste acontecimento quotidiano é uma necessidade no campo. A aurora é o relógio do rurícola e o batismo de sua almejada felicidade.

Uma porta para o exterior em cada peça da habitação diurna ou noturna é outro hábito também tradicional de nosso campo, característica peculiar das suas primeiras construções, bom hábito pelas suas conseqüências de ventilação e iluminação, deve ser melhorada, pelo arquiteto, colocando estas saídas debaixo de terraços, que as preservem do mau tempo. Estas portas para o exterior não devem ser motivo de suspensão da janela correspondente em todos os locais, nem da outra porta íntima para comunicação interior com o resto da casa.

E' necessário estudar a colocação de portas e janelas na sala-cozinha, procurando, além da boa orientação, que a pessoa que cozinha, possa ver durante seu trabalho, por estas aberturas, tudo quanto ocorre nas imediações. E' sabido que, na vida rural, em conseqüência do trabalho do pai e dos filhos mais velhos no campo, é a dona da casa, providencial e insubstituível mãe, a que permanece só, em casa, com os filhos menores, e assume assim todo o cuidado e segurança da mesma. Tornam-se necessários que esta vigilância possa ser exercida desde o local do trabalho."

Cuidados especiais devem ser dispensados ao abastecimento de água e evacuação dos dejetos humanos, bem como a coleta do lixo e armazenamento do estêrco. Não cabe no âmbito deste trabalho um estudo pormenorizado do assunto, apenas o lembramos e insistimos em que se deva fazer uma grande campanha para a utilização das

fossas o que evitará a propagação de inúmeras doenças.

Mostrado como se deve projetar uma casa rural, vejamos agora como a devemos e podemos construir entre nós, levando sempre em conta que, da construção de uma casa, repetimos, se deve obter um rendimento financeiro, humano e social.

Dado o nosso fraco poder aquisitivo e a escassez de material de construção, não podemos pensar em construir casas sem que sejam elas construídas com materiais locais e pelos próprios rurícolas, sempre debaixo de uma orientação técnica a ser dada pelos municípios.

Percorrendo o nosso país, encontramos os mais diversos tipos de habitação, sempre, porém, utilizando os materiais locais e obedecendo a tradição.

Estudando as "Origens culturais da Habitação Popular no Brasil", assim se expressa L. DE CASTRO FARIA:

"Em Cuiabá tôdas as casas e igrejas antigas são de taipa e adôbe e ainda hoje êsses dois processos são os únicos utilizados pelas classes mais pobres. A taipa representa para esta região o que o tijolo e a pedra representam para outras — a estabilidade e a solidez.

Em tôda parte a casa de taipa de sebe, portuguesa ou mediterrânea, para não buscar origens mais remotas e que aqui se chamam barreada, de pau-a-pique, de sapo, perdido o seu caráter de construção provisórias, pioneiras, foi e continua a ser o padrão de gente pobre, exprimindo antes uma condição que um estilo."

Assim, ao preconizarmos o uso racional dos materiais locais e a construção feita pelo próprio rurícola, não estamos dizendo nada de novo. Entre nós, um dos precursores do método e processo foi o arquiteto Angelo Murgel, que, sobre o assunto tem várias publicações.

Ainda de CASTRO FARIA, *op. cit.* são as seguintes palavras:

"Parece impossível negar que a nossa casa popular apresenta, em muitas casas, uma solução feliz e adequada do problema da habitação em zonas pioneiras.

Em quase tôdas as nossas regiões naturais os recursos são variados — houve, no entanto, uma acomodação, uma escolha. O material preferido foi aquele que, além de apresentar um certo número de qualidades próprias, melhor se ajustava às exigências do meio, necessidade de aeração, de aquecimento, resistência às intempéries. O material todo é de enorme plasticidade, mas as soluções surgidas foram sempre as mais simples e elementares.

ROY NASH (III — 1939 p. 224) acentuou o contraste — entre as casas rurais das zonas de colonização do sul e as choupanas brasileiras — ambas construídas com o mesmo material — madeira e barro — e ambas tão diversas.

Percorrendo o Estado de Santa Catarina, em viagem de estudo, sentimos ao vivo êsse doloroso contraste que absolutamente não representa diferença de padrão de civilização mais apurada" como exclamou o autor de "A conquista do Brasil", mas a lamentável evidência do mais profundo rudimentarismo econômico".

A opinião de CASTRO FARIA confirma a acima transcrita, das Nações Unidas, isto é, que as soluções adotadas foram sempre adequadas as condições do meio. Apenas, não teve a nossa gente a

"educação" necessária para melhorar a utilização dos materiais locais convenientemente. Perdeu-se a tradição das misturas de areia e argila, e hoje o que se constrói trinca, isto é, a argila ou barro, ao secar se contrai e fica a parede tôda cheia de trincas onde se alojam insetos transmissôres de moléstias.

Um país como o nosso, onde a produção de cimento corresponde a 18 kg 7 por habitante, em 1952, e cujo consumo é de 44 kg por habitante, não se pode pensar em outro tipo de construção que não seja aquele em que se empreguem materiais locais e seja construído pelo próprio usuário, como o auxílio de sua família e de seus amigos. Em outras palavras a autoconstrução, sob forma cooperativa.

E' ponto pacífico que o indivíduo dá muito mais valor e procura conservar a casa para a qual contribuiu, com seu esforço próprio do que quando a recebe do Governo. Além do mais, não devemos esquecer que:

"Uma obra social, segundo pensamos, não deve somente procurar dar satisfações materiais à classe popular, ela deve ter um fim educativo e moral, deve visar a formação de elites, a preparar dirigentes que assegurarão a paz social. E' necessário também levar em conta o sentimento da dignidade que mais do que nunca anima os trabalhadores da nossa época, sentimento êste que os faz aceitar com pesar dons graciosos.

Esta "dignidade" que êles procuram, a propriedade lhes dará, com a condição que êles tenham o sentimento de a ter merecido, tendo feito um esforço para adquiri-la. (ROBERT MANCEAU — *La vulgarisation de la propriété immobilière, par le Crédit*).

O uso dos materiais locais e da mão-de-obra do próprio interessado contribuirá certamente para baratear a construção e torná-la acessível ao nosso rurícola.

Na construção de casas usando os materiais próprios a cada região poderemos usar o processo da terra socada, o processo do pau-a-pique, do adôbe ou do solo-cimento, sem falarmos na pedra ou madeira.

A terra socada, também conhecida como "taipa" nos veio do velho mundo, desde o início da colonização portuguesa. Com o tempo e com o aparecimento de novos materiais, fomos perdendo a técnica dessas construções.

"Pegou aumentar muito as olarias. A vantagem do tijolo é poder mudar a casa. Aproveitar o tijolo. A taipa derrubou, perdeu. E é serviço pesado. Os taapeiros foram ficando velhos. Foi desdesistendo". (Construções de Taipa — CARLOS BORGES SCHMIDT. São Paulo).

Consiste o processo em colocar, por camadas, um "determinado" tipo de terra dentro de fôrmas e socá-la por meio do "pilão", que tem forma especial. O segredo está na proporcionalidade dos elementos (areia, argila, pedregulho e água), que entram na mistura, de modo a evitar a retração quando seca a parede, o que produz as grêtas, onde se alojam tôda a espécie de insetos.

Referindo-se ao assunto se expressa CLITON P. ANDERSON, que foi Ministro da Agricultura

dos Estados Unidos, prefaciando o livro de MERRILL.

"Dêste modo, estou ligado a terra socada através uma bem documentada cadeia de circunstâncias. Porém, apesar de toda a minha familiaridade com este método de construção, confesso-me um tanto admirado pelo fato de que depois de tantos anos de provada eficiência, este material permaneça ainda relativamente, desconhecido para o público."

Ainda do mesmo Ministro são as seguintes palavras:

"O sistema promete preencher um vazio entre aquelas milhares de pessoas que carecem de fundos e da possibilidade de obter algo melhor."

E' necessário que se restabeleça a confiança de que já desfrutou o processo, "já que o material possui a mesma segurança que o tijolo comum de barro cozido."

Este processo que já deu ótimos resultados entre nós, haja vista casas seculares construídas de taipa, é de uso corrente nos Estados Unidos e na França (pisé de terre) apresenta para o nosso rurícola o inconveniente da forma e de uma nova técnica que precisa aprender. Este inconveniente desaparecerá com o tempo, na medida em que forem educados os nossos rurícolas.

O "adôbe" é o tijolo de barro de mistura com palha, e sêco ao sol. O material para sua fabricação deve conter pelo menos 50% de areia. Este processo ainda exige certos conhecimentos do rurícola e a construção deverá obedecer a orientação de um mestre de obras.

O solo-cimento, que consiste na mistura de uma pequena percentagem de cimento com areia e argila, é o processo mais moderno e de todos o melhor. Infelizmente obriga ao uso do cimento para a fabricação de blocos em prensas manuais, das quais uma das melhores é a Landcret feita na África.

A casa de pau-a-pique, de uso mais corrente em todo o país, variando apenas no seu tipo, consiste num engradamento de madeira, rebocado com barro. Como, porém, este barro é retirado do chão sem nenhum preparo prévio e contém uma grande quantidade de argila quando sêca, greta, em consequência da retração do material. Nestas grêtas, como é do conhecimento geral, instalam-se insetos nocivos ao homem, inclusive o "barbeiro", causador da "Moléstia de Chagas".

Se se ensinasse ao rurícola que deve misturar uma determinada quantidade de areia, na argamassa com que vai "barrear" as paredes, as grêtas não apareceriam, sobretudo se depois de bem sêca a parece, fôr rebocada com argamassa de areia e argila.

Em Itaperuna tive ocasião de ver casas de pau-a-pique, bem antigas, e cujo aspecto externo em nada se diferenciava de uma casa de alvenaria de tijolo, revestida.

Para a execução de qualquer um destes processos se deverá proceder a exames prévios do

material disponível, de modo a que fiquemos habilitados a fazer as correções necessárias a fim de evitar a retração.

O Dr. R. di PRIMIO, do Rio Grande do Sul, publicou interessante trabalho a respeito do aproveitamento dos materiais locais, na "Revista de Medicina do Rio Grande do Sul", n.º 45-1952 intitulado: "Habitação Rural à prova de Triatoma."

Há uma grande bibliografia a respeito da utilização da terra nas construções, aos que se interessarem pelo assunto indicaremos: La construction en Beton de Terre — Bureau-Central d'Etudes pour les équipements d'outremer — Service de l'Habitat 90 Boulevard Latour — Maubour — Paris. Habitação Rural à prova de Triatoma — Dr. R. di Primio — Pôrto Alegre R.G.S. — Casas de Tierra Apisonada y suelo Cimento por A. F. Merrill. Construções de Taipa, por Carlos Borges Schmidt, Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo — Diretoria de Publicidade Agrícola, 1946. Rammed Earth Walls for farm Buildings Agricultural Engineering, Department — Boletim n.º 277. South Dakota State College, Boletim do Museu Nacional — Antropologia n.º 12 de 1951. Arquitetura Rural — Ezequiel Pablo Gustavino. B. Aires. Le Beton de Terre — Cahiers du Centre Scientifique et Technique du Batimen — 1950.33 Rue Jean-Goujou — Paris VIIIe. Casas de Paredes Monolíticas de solo-cimento. Associação Brasileira de Cimento Portland. Notas e Comentários n.º 25 e n.º 54 da série Cimento e Concreto. Casa Rural Brasileira, Angelo Murgel.

Entre nós, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes construiu uma série de casas de solo-cimento e em Manaus, o Serviço Nacional de Tuberculose, construiu um grande sanatório para 432 leitos, com uma área coberta de 7.500 m.

Como não é nosso propósito escrever um tratado sobre o assunto, indicamos as fontes onde as Municipalidades poderão obter as informações necessárias ao estabelecimento de um novo serviço de grande relevância, como complemento do trabalho das missões Rurais.

EDUCAÇÃO LOCATIVA

Não basta que se proporcione ao rurícola os meios para melhorar sua casa, é necessário também, que ele a saiba usar, o que se conseguirá educando a mulher, um dos mais fortes elementos para fixação do homem no campo.

Cabe as Assistentes Sociais, das Missões Rurais, o encargo de mostrar a mulher como deve utilizar a casa, os perigos da promiscuidade, da coabitação com os animais, das moscas, das águas estagnadas etc.

A higiene de uma casa, não é somente função do imóvel e de seu equipamento sanitário, tudo depende do comportamento do ocupante. E este comportamento vai depender em grande parte da atitude da mulher. Não sendo observadas determinadas condições de higiene, um local mesmo novo, não tarda em se transformar num imundo pardieiro.

As observações das regras e princípios de higiene necessários ao manutenção das boas condições de vida, não será conseguida por meio de regulamentos, mas sim por um trabalho de persuasão a ser feito pelas Assistentes Sociais, que procurarão, pelo exemplo, mostrar como podem ser transformadas as condições de vida, pela simples observância daquelas regras e princípios.

E' necessário que, sobretudo, a "mãe de família" receba uma instrução toda particular. de modo a aprender não só a manter seus negócios em ordem, cuidar de seu lar e amá-lo, como também aprender as indústrias domésticas. Deve-se incutir no nosso rurícola a idéia de que um meio são e uma casa limpa favorecem a saúde da família; que num ambiente agradável o marido se sentirá melhor e não ira procurar, fora, motivos mais agradáveis para utilizar suas folgas.

"A ignorância que nasce do isolamento é, em grande parte, responsável pela triste condição em que vive a família rural. A educação é necessária para tornar a família rural dona do seu próprio destino econômico, e para desvendar a seus membros, novos aspectos culturais e intelectuais. E' necessária a educação para transformar a mentalidade do agricultor e da família agrária. O agricultor deveria aprender a considerar como seu lar o conjunto em que trabalha. Deveria aprender a valorizar as coisas necessárias para levar uma vida familiar: uma casa moderna e higiênica, convenientemente mobiliada, provida de instalações e dispositivos que economizem trabalho e provida de material de leitura e outros elementos de valor cultural. (La cristianización de la Vida Rural).

"E', pois, um empreendimento nobre educar as mães de famílias, é dever de solidariedade ajudar, materialmente, os pobres, e não menor o de levar à alma dos infelizes a preocupação da dignidade e dos elementares princípios de higiene."

Conseguida a educação, conseguiríamos libertar a miséria da imundice.

Muitas vezes o pardieiro é filho da miséria, mas sujeira e pobreza não são sinônimos. A dona de casa tem muito mais mérito, quando, dentro da pobreza, da sua falta de recursos, conserva o seu lar limpo e arrumado.

Enquanto os serviços sociais prosseguem na sua cruzada, educando a família, é necessário que a escola intensifique a sua obra educativa, que multiplique seus cursos de ensino doméstico, que martele o espírito das crianças com frases e fórmulas lapidares, tais como:

"Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar."

"A limpeza é a base de toda a higiene."

"A higiene não precisa de casa, mas a casa precisa de higiene."

"O álcool embrutece, o álcool mata."

"A casa salubre é o espelho da higiene."

"Defenda-se contra a opilação: não andando descalço, não evacuando no chão, lavando as mãos antes de comer, lavando os alimentos que se comam crus."

"Evite a mosca que transmite a cólera, a febre tifóide, a disenteria, o tracoma, a tuberculose."

"Evite a superlotação nos dormitórios."

Enfim, devem ser incutidos nas crianças todos os princípios de higiene que devam ser observados diariamente.

Cabe ainda as Assistentes Sociais, incutir, nos moradores, noções fundamentais de disciplina, de instrução e de educação locativa, ensinando:

1.º) A evitar a superlotação das casas e a promiscuidade com os animais.

2.º) A se preocupar com o aspecto do "habitat": mobiliário, decoração e iluminação.

3.º) A se servir, corretamente, dos aparelhos, dispositivos e instalações postos a sua disposição.

4.º) A se impor, como princípio, a limpeza, desembaraçando-se dos germens de contágio e fazendo guerra aos parasitos.

Uma vez imbuídos dêste espírito, será mais fácil à dona de casa, manter o seu lar em condições sanitárias que permitam o gozo da saúde, de um modo integral.

O que é necessário àquele que trabalha, sobretudo no campo, onde as distrações são escasas, é um ambiente alegre no lar, quando volta a faina diária e se reúne ao redor da mesa; com a família; para discutir os problemas de interesse geral.

Há necessidade de um quarto amplo, bem exposto, e sobriamente mobiliado, também necessita o homem de uma boa cama com roupa sã e repousante.

Esses detalhes tem uma grande importância, que tem sido muitas vezes silenciada: a higiene e a saúde física e moral, sofrem insidiosamente as conseqüências, o Homem normal passa em casa, no seu domicílio ou lar, a metade da sua existência, o que justifica a preocupação de arrumá-lo a seu modo, mas sempre levando em conta todas as circunstâncias apontadas, que seria imprudente desconhecer.

No século em que vivemos, está verificado que as manifestações microbianas dependem tanto do terreno biológico do paciente, como do germe infeccioso; a resistência do terreno é largamente influenciada pelo elemento biológico e psicológico, que representa um papel importante na aparição e na evolução da maior parte das nossas afecções patológicas.

"A limpeza é a base de toda a higiene" escreveram... *Courmont et Rochet — Precis d'Higiene* e ainda dos mesmos autores são as seguintes palavras:

"Por meio da higiene, impede-se o desenvolvimento das moléstias (micróbios, cogumelos, insetos etc.) e fortalece-se o terreno (organismo)."

Os povos mais limpos são aqueles que apresentam menores taxas de morbidade e mortalidade."

É, pois, necessário educar o nosso rurícola de modo a que saiba utilizar a casa, criando-lhe, pela educação, hábitos de higiene, hábitos êstes que, com o correr dos tempos criarão a mística do lar.

CONCLUSÃO

Estamos certos de que a trágica eloquência dos números e coeficientes alinhados no presente trabalho, chocará aos que se habituaram a pensar no Brasil através do "Porque me ufano do meu País". Entendemos serem êstes choques benéficos porque nos dará mais fôrças para procurarmos encontrar uma solução aos nossos males, que permita um mais rápido desenvolvimento e expansão ao Brasil.

E' grandioso o trabalho que já tem sido realizado; e só quem palmilhou êste vasto país de Norte a Sul e de Leste a Oeste, com vontade de observar, e realizar a soma de sacrifícios de alguns abnegados que se dedicaram a melhorar as nossas condições de vida, os resultados já obtidos e o valor do nosso Homem.

No entretanto, êstes sacrifícios são tanto mais penosos porque são resultados de esforços paralelos e que muitas vêzes interferem, uns com os outros.

E' absolutamente necessário se queremos sobreviver, que cada município organize sua vida, dentro de um planejamento coordenado pelo Estado e que êstes sejam coordenados pela União — só assim conseguiremos levar a bom têrmo os nossos esforços.

Apesar de tôdas as instituições criadas para atender ao problema da habitação, quer como finalidade precípua, quer como resultado de aplicação de fundos, vemos que cada dia mais se agrava o problema, porque cada um projeta e executa obras de acôrdo com suas conveniências, sem nenhuma observância das condições sócio-econômicas das populações.

Falta ao Brasil *Coordenação* e espírito de *Colaboração*, ainda não aprendemos a viver em comunidade, ainda somos por demais individualistas. Não temos *Espírito Público*.

Contamos sempre com o *Governo* para a solução dos nossos males, quando esta solução deve resultar de um *Esfôrco Nacional*, representando a soma dos esforços municipais, é à *Nação* que se deve conclamar para o combate, somos todos nós que, na medida de nossas possibilidades devemos contribuir com nossos esforços.

Não será apenas com uma *Reforma Agrária* ou estendendo ao rurícola os *Direitos* do trabalhador urbano que conseguiremos corrigir nossos males. Vimos acima que o mal é profundo e que só um esforço honesto feito em profundidade é que, no fim de alguns anos, talvez mesmo gerações, consiga fazer com que as coisas entrem nos seus eixos. Os problemas com que nos defrontamos ainda hoje, os problemas básicos, eram apon-

tados há cem anos atrás. Temos em nosso poder a coleção do "*Brazil Agrícola* — jornal editado por Francisco Maria Duprat, nosso bisavô, onde encontramos apontados todos os problemas de hoje. Muito já se tem conseguido, mas o principal ainda não conseguimos que é a *Educação*.

Devemos ter sempre em mente e como objetivo de nosso esforço, o apêlo do Prof. RENATO BARBOSA:

"Brasileiros do Norte, do Centro e do Sul, os estóicos pela tenacidade, os humanistas pela espiritualidade, os audaciosos pelo ímpeto da ação fecunda, a todos conclamamos para que se faça da Escola um *templo*, e da educação uma *religião*."

Para conseguirmos qualquer resultado, repetimos, teremos que procurar levantar os níveis social, cultural e econômico do nosso rurícola, de modo a obtermos:

"O rendimento social que é o resultado da contribuição que o indivíduo ou o grupo faz para a criação de riqueza e de progresso de uma coletividade. Contribuem para êste rendimento tôdas as classes da sociedade e êle se espelha no desenvolvimento, eficiência e bem-estar de cada uma delas." (CASTRO BARRETO).

O rendimento cultural, isto é, o rendimento resultante do "desenvolvimento harmônico das faculdades morais, intelectuais e estéticas do homem" (La Cristianizacion de la Vida Rural).

E finalmente, econômico, pela criação de uma riqueza estável. Tal que "constantemente aumentada pelo progresso econômico e social deve ser distribuída por entre os vários indivíduos e classes de modo tal, que seja assim alcançado o bem comum de todos. (PIO XI.)

Analizando as nossas estatísticas e comparando os resultados dos censos de 1940 e 1950, constatamos, com pesar, que a população urbana aumentou em média numa proporção de 41.1%, a suburbana de 57.4% e a rural de apenas ... 16.9%. Estas percentagens nos indicam o êxodo rural e a criação das favelas, vilas de malocas, mocambos etc., o que vale dizer a agravação de todos os nossos problemas. Necessitamos, pois, atacar o mal na sua origem o que não se conseguirá se continuarmos a construir casas só nas cidades, criar escolas urbanas, aumentar o número de hospitais urbanos e se prevalecer o nosso sistema tributário e o sistema de arrecadação da nossa Previdência Social, um dos grandes fatores do êxodo rural, não só pela drenagem do capital nacional para as capitais, como também, pelas concentrações dos seus serviços de assistência médica nas zonas urbanas.

Enquanto em 1951 a arrecadação de todos os municípios brasileiros orçou em Cr\$ 5.004.506.000,00, a arrecadação das autarquias federais orçou em Cr\$ 18.626.296.000,00 dos quais Cr\$ 11.446.299.000,00 couberam a Previdência Social e dêstes Cr\$ 9.500.206.000 aos seis Institutos.

Como dissemos, inicialmente, o problema é complexo e não pode ser atacado unilateralmente.

sob pena de ser agravado; se de um lado devemos atender aos campos, de outro temos, nas cidades, problemas de emergência a resolver.

Assim sendo, aplicam-se ao nosso caso as conclusões do nosso trabalho apresentado ao II Congresso de Municípios de São Vicente, as quais acrescentaremos a necessidade da formação de um fundo social nacional para o financiamento das cooperativas e a criação, ou melhor, o restabelecimento da Coordenação da Habitação criada em 1951, no Ministério do Trabalho — e hoje imprescindível em face dos termos do Decreto n.º 33.427, de 30 de maio de 1953.

O fundo social deverá ser formado pelas contribuições municipais, estaduais e federais, pela contribuição dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões e Caixas Econômicas e pela contribuição das Companhias de Seguro e Capitalização.

Em conclusão e tendo em vista o que foi exposto no presente trabalho, sugerimos, para a solução dos problemas habitacionais que sejam adotadas as seguintes medidas:

1.º) Criação, pelo Governo Federal, de um órgão de coordenação, no sentido de orientar e planejar no âmbito Nacional, o problema da habitação, dentro de toda a sua complexidade.

2.º) Criação de um fundo social Nacional, destinado ao financiamento das cooperativas de habitação, organizadas pelas municipalidades, ou por ela patrocinadas, dentro do critério estabelecido no Decreto n.º 33.427, de 30 de maio de 1953.

3.º) Que a Fundação da Casa Popular organize, sem demora os Conselhos Regionais de Urbanismo e Habitação e as Comissões Municipais de Habitação e Urbanismo, a êles subordinadas, para o planejamento urbano, suburbano e rural do Município, estabelecendo para êste, seus pré-planos, tendo em vista suas condições sócio-econômicas.

4.º) Que as Municipalidades, dentro da orientação estabelecida pelo órgão de coordenação proceda a inquéritos para o levantamento do padrão de vida municipal nas zonas urbana, su-

burbana e rural, em estreita colaboração com o I.B.G.E.

5.º) Que as Municipalidades fomentem o desenvolvimento de cooperativas de habitação, de crédito, de materiais de construção e de mão-de-obra.

6.º) Que as Municipalidades fomentem o desenvolvimento do sistema de construção pela ajuda própria, criando órgãos de assistência técnica a serviço dos interessados.

7.º) Que se estabeleça nos Municípios, uma política de terrenos, quer nas zonas urbana, suburbana ou rural, de modo a que se possa controlar o mercado-imobiliário para permitir a venda de lotes a preços razoáveis e a criação de colônias agrícolas.

8.º) Que as municipalidades fomentem a indústria de materiais de construção, aproveitando os materiais locais, e concedendo facilidades fiscais à iniciativas privadas.

9.º) Que as Municipalidades fomentem o desenvolvimento da educação dos meios rurais por intermédio das missões rurais e da educação de adultos nas zonas suburbanas e urbanas, em estreita colaboração com os Ministérios da Agricultura e Educação e Cultura, procurando sempre desenvolver os serviços de Ação e Serviço Social, em estreita colaboração com os organismos nacionais que se dedicam ao assunto, bem como procurar desenvolver, de acordo com o SAPS campanhas no sentido de ensinar nossa gente, como se deve alimentar e de acordo com o Ministério da Saúde o desenvolvimento da Assistência Médico-Hospitalar.

Se cada um dos Municípios brasileiros adotar as medidas acima preconizadas, terão todos, no fim de alguns anos, as mesmas possibilidades de desenvolvimento, e ficará restabelecido o equilíbrio econômico entre êles, dentro do possível.

As populações serão convenientemente educadas e assistidas quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista médico-alimentar; como consequência, teremos a diminuição da mortalidade infantil e dos coeficientes de morbidade — e poderá o País progredir.